



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## A “VONTADE POLÍTICA”: UMA FÓRMULA DISCURSIVA?

Saulo Oliveira Martins\*  
(UESB)

Edvania Gomes da Silva\*\*  
(UESB)

### RESUMO

Apoiando-nos em bases linguísticas e discursivas e partindo da noção de *fórmula*, tal como proposta por Krieg-Planque (2010), este trabalho visa discutir a hipótese da unidade lexical complexa “vontade política” se constituir e emergir enquanto fórmula. Para tanto, verificamos se as propriedades formulaicas essenciais (a saber: caráter cristalizado; dimensão discursiva; referente social; e aspecto polêmico), as quais são elencadas pela referida autora, se aplicam no caso aqui estudado e confirmam a hipótese levantada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fórmula discursiva. Comunicação. Discurso.

### INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido acerca da noção de *fórmula discursiva*. Tal noção, deriva principalmente da análise de discurso e subentende pontos de relativa cristalização da língua, os quais nos põem diante de uma espécie de síntese semântica construída através da história da língua. Como sugere Krieg-Planque (2010), como fórmula designamos “um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam

---

\*Mestrando em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: saulomartins86@hotmail.com.

\*\* Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB. Email: [edvaniagsilva@gmail.com](mailto:edvaniagsilva@gmail.com). Orientadora do projeto que deu origem a este artigo.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

questões políticas e sociais que essas expressões contribuem, ao mesmo tempo para construir.” (KRIEG-PLANQUE, p. 9).

A noção de fórmula é pluridisciplinar, pois propõe estabelecer um ponto de vista discursivo sobre a comunicação, para isso, mobiliza uma articulação entre as ciências da linguagem e as ciências da informação e da comunicação. Faz-se necessário, por conseguinte, delimitar o que se entende nesse contexto enquanto *discurso* e enquanto *comunicação*.

Sobre o primeiro, pode ser dito que é concebido enquanto práticas que formam o instrumento e o lugar de divisões e junções que fundam o espaço público. Tal concepção se opõe a uma abordagem transparentista e objetivista acerca da linguagem e tem o principal objetivo de apreender “as práticas dos atores políticos e sociais<sup>636</sup> através das diferentes formas de cristalização que seus discursos modelam e põem em circulação” (KRIEG-PLANQUE, 2010b).

No que diz respeito à noção de comunicação que subjaz a esses estudos, pode ser entendida enquanto, conforme proposto por Krieg-Planque, um “conjunto de habilidades relativas à antecipação das práticas de retomada, de transformação e de reformulação dos enunciados e de seus conteúdos” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 14). De outra forma, a comunicação é concebida dentro de uma perspectiva não simplesmente interpessoal, mas como um conjunto de práticas relativas à produção de enunciados e tendo um interesse que, por sua vez, recai nas formas e nas modalidades de circulação destes mesmos enunciados. É neste sentido, portanto, que se fornece, no estudo das fórmulas, um ponto de vista discursivo da comunicação.

O estudo das fórmulas visa apreender um instante em que a existência de uma palavra ou expressão entra em um período denso e adquire uma semântica completamente específica. Sendo assim, pode-se concluir que tais análises podem

---

<sup>636</sup> Segundo KRIEG-PLANQUE (2010) os trabalhos que se inserem nesta perspectiva permitem também “compreender a forma como diversos atores sociais (homens e mulheres, políticos, militantes de associações, representantes sindicais, dirigentes de empresas, comunicadores, jornalistas profissionais, intelectuais...) organizam, por meio dos discursos, as relações de poder e de opinião” (p. 9).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ser entendidas como fazendo parte de um domínio conexo aos usos sociopolíticos do léxico (ou lexicologia sociopolítica) e mostram, entre outras coisas, como as palavras controlam nossa própria maneira de pensar o mundo atual:

a noção de fórmula está ligada à de uso: a fórmula corresponde a uma utilização particular da “palavra”<sup>637</sup>. Dito de outro modo: o acesso de uma palavra à condição de fórmula é parte integrante da história do usos desta palavra.(...) Seguindo o caminho dos usos de uma unidade lexical, frequentemente verificamos desvios de percurso: é nesse episódio particularmente movimentado da vida de uma palavra que a fórmula pode ganhar consistência. (KRIEG-PLANQUE, 2010, p 19)

Segundo se conclui, portanto, pode-se dizer que não existe fórmula em si. Mas é o *uso*, o qual implica um conjunto de prática de linguagem e de relações de poder e de opinião em um momento e espaço público dado, que confere a uma palavra ou sequência verbal o status de fórmula.

Neste breve trabalho propomos analisar e observar a emergência da expressão “*vontade política*” tomada enquanto significante próprio e que tem significações também específicas, conforme procuramos mostrar. Baseando-nos em Krieg-Planque (2010), tomar-se-á o conceito de fórmula circunscrito segundo quatro propriedades principais, a saber: caráter cristalizado; dimensão discursiva; referente social; e, por fim, aspecto polêmico. No entanto, diferentemente da autora, por critérios didáticos, preferimos neste trabalho, por dividir os quatro fatores em dois grupos: os dois primeiros fatores vemos ligados a uma *dimensão significante-linguística* e, os dois últimos a uma *dimensão discursiva*<sup>638</sup>.

### **A fórmula “vontade política” e suas propriedades significantes**

---

<sup>637</sup> Posteriormente, em seu texto, a autora usa outros conceitos para explicar o que ele está chamando de “palavra”.

<sup>638</sup> Com as ressalvas que foram feitas a concepção de discurso aqui exposta.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

*Vontade política* é uma expressão com uso bastante corrente. Em diversos textos do campo discursivo político ela aparece com frequência. Nestes excertos retirados da Revista Veja temos:

Como sempre, VEJA não deixou seus leitores esperando, sem informações de qualidade, e trouxe um profissional renomado mundialmente para uma elucidação majestosa e utilitária. A abordagem de Nadelstern faz com que percebamos claramente que não há *vontade política* para resolver o problema e dar melhor qualidade ao ensino no Brasil. (Carta de leitor publicada na Revista Veja, Edição 2036, de 28 de novembro de 2007, p.30)

O (...) engano está em acreditar que os países entram na União Europeia por simples *vontade política*. “Toda entrada no bloco é precedido de complexas avaliações para eliminar obstáculos à integração. Espanha, Portugal e Grécia, por exemplo, tiveram de acelerar seu processo de democratização para entrar no bloco”, observa o ex-ministro Maílson da Nobrega. (Reportagem: Lula cercado de Populistas. IN: \_ Revista Veja, Edição 1992, de 24 de janeiro de 2007, p. 59.)

Nos excertos acima, observamos duas visões diferentes acerca do que se concebe enquanto *vontade política*<sup>639</sup>. No primeiro, temos a expressão funcionando como algo que age e resolve problemas sociais, mas que, segundo o ethos de revolta presente no texto, é algo que não está presente no contexto educacional do Brasil. No segundo excerto temos um funcionamento de *vontade política* enquanto algo que *por si só* - retomaremos isso adiante - não basta para resolver uma questão (no caso a entrada num bloco econômico), ou seja, há intrínseca a este último uso uma dicotomia *vontade política/ação*: para além da *vontade política* medidas devem ser tomadas.

Muitas características poderiam ser vistas e explicadas pelos dois exemplos dados acima, mas queríamos demonstrar primeiramente sua *crystalização*, ou seja, a expressão *vontade política* é um sintagma materializado que circula

---

<sup>639</sup> O que, como veremos mais adiante, já se constitui como um exemplo de seu caráter polêmico.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

largamente na sociedade contemporânea pelos atores sociais (no caso exposto, desde repórteres a políticos e leitores – os quais vistos não somente enquanto indivíduos, mas como lugares institucionalizados).

Um ponto a se lembrar é que a expressão *vontade política*, historicamente, não é tão nova:

O conceito *vontade política*, de circulação privilegiada no cenário político recente, mais particularmente no discurso da, digamos assim, esquerda, não é propriamente novo. Já em 1844, Karl Max com ele se debatia, ao polemizar com Arnold Ruge (jovem hegeliano de Berlim), acerca da rebelião dos tecelões da Silésia contra as miseráveis condições de trabalho. No texto *Glosas críticas marginais ao artigo: O rei da Prússia e a reforma social*, Marx examina as possibilidades e limites da vontade política para remediar as mazelas sociais. (EIDT, 2004)<sup>640</sup>

Na atualidade, no entanto, a expressão ganhou, como foi dito, grandes proporções. Uma simples procura em sites de busca da internet, ou em reportagens acerca de política evidencia a grande circulação da referida sequência verbal. Como sabemos, a circulação é um grande índice que demonstra o grau de estabilidade e aceitabilidade da fórmula.

Jean Pierre Faye, por exemplo, ao analisar a fórmula “Estado Total” mostra a dupla gênese da fórmula e o começo de sua circulação. Para ele, era importante remontar ao fio condutor dos significantes que carregam a fórmula, levando em conta também o fio condutor de cada significante tomado individualmente. Neste trabalho, não mostraremos a gênese da suposta fórmula “vontade política”, pois isso exigiria um esforço arqueológico que vai além das pretensões deste artigo. Visto isso, tratamos a “fórmula” já a partir de sua circulação atual. O que se faz necessário, no entanto, é lembrar que o significado de cada palavra tomada individualmente (*vontade* / *política*) é diferente da fórmula completa (*vontade*

---

<sup>640</sup> Revista Espaço Acadêmico, nº 35, abril de 2004. In\_: <http://www.espacoacademico.com.br/035/35ceidt.htm>



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

*política*), a qual só tem seu sentido enquanto expressão *cristalizada*. A ***cristalização*** é, portanto, a primeira das características fundamentais da fórmula.

O caráter cristalizado diz respeito à forma significativa relativamente estável da fórmula, ou seja, sua materialidade significativa deve se manter de forma constante ao longo de um período. Sobre isso, Planque (2010) mostra que a sequência verbal identificada como fórmula pode ser: uma unidade lexical simples, uma unidade lexical complexa, uma unidade léxico-sintática ou uma sequência autônoma (frase) que tende a cristalização.

Faz-se necessário lembrar, conforme a proposta da referida autora, que o caráter cristalizado da fórmula não é absoluto, afinal, por vezes, a fórmula é objeto de diversas paráfrases e sua existência se dá também através delas<sup>641</sup>. No caso da “*vontade política*”, há uma forte estabilidade de cristalização, se assim podemos dizer, afinal, mesmo o que se poderia imaginar como sinônimo da expressão mostra-se, na verdade, semanticamente bem distinto da expressão em si. É o que se vê em:

“Há interesses políticos em desvalorizar a Petrobrás”, diz consultor do Jornal do Brasil

Existe um interesse político, de quem já quis privatizar a Petrobras, de diminuir os investimentos na empresa e assim, enfraquecê-la, mas há também uma **vontade** de quem quer comprar ações mais baratas. Sempre vão ter aqueles que vão acreditar nesse discurso, de que a Petrobras tá indo mal, e vender seus papéis”.

A análise, na contramão de tudo o que vem sendo falado com relação à estatal brasileira do petróleo, é do engenheiro Ivo Pugnaroni, investidor na empresa e consultor da Enercons para o setor de energia.<sup>7</sup> (grifo nosso)

No excerto acima, embora pudéssemos de antemão supor que a sequência verbal *vontade política* mantenha relação de sinonímia, ou ainda de equivalência lexical, com *interesse político*, vemos que este tem uma carga altamente pejorativa,

---

<sup>641</sup> Como lembra Possenti em seu texto acerca das Fórmulas Alteradas. In\_\_: Motta-Salgado (2011).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

diferente do que em geral se dá no uso da primeira. Conforme lemos também no exemplo acima, mesmo quando se usa a palavra *vontade* isolada como sinônimo de *interesse*, e tendo o adnominal *política* como elipse, não se tem o mesmo efeito de sentido da expressão *vontade*. Daí concluímos que a cristalização da fórmula *vontade política* é, gradualmente, bastante estável.

O segundo caráter formulaico que se pode analisar, a partir dos mesmos exemplos, é o de **referencialidade social** da fórmula. Este é altamente ligado ao de cristalização e tem relação com o fato de a fórmula funcionar enquanto um signo, ou seja, a fórmula significa alguma coisa para todos em um dado tempo e sociedade. O uso como um referente social possibilita dar conta também do fato de que a fórmula possui múltiplas significações, muitas das quais são contraditórias. Baseando-se nos trabalhos de Pierre Fiala e Mariane Ebel (1983), Krieg-Planque estabelece que:

Como referente social, a fórmula é um signo que evoca alguma coisa para todos num dado momento. Consideremos o óbvio: para que esse signo evoque alguma coisa para todos, é necessário que ele seja conhecido por todos. A notoriedade do signo é assim uma condição necessária para sua existência formulaica. (KRIEG-PLANKE, 2010, p. 93)

Como vimos nos dois excertos coletados em *Veja*, por exemplo, o funcionamento de *vontade política* enquanto referente social é o que permitiu que os enunciadores pudessem se manifestar positiva ou negativamente a seu respeito. O seu uso como um signo, portanto, refere, ou seja, cria ou reenvia um objeto ao mundo, tal objeto é do plano discursivo e não do material. Pode-se dizer, então, que a noção de fórmula é, por isso, não só lingüística, mas principalmente discursiva.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Segundo Planque, a fórmula “é, antes de mais nada, uma noção discursiva. A fórmula não existe sem os usos que a tornam uma fórmula.” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 81) Sendo assim, a característica de *dimensão discursiva* da fórmula é derivada de uma sequência de utilização na língua. Conforme a autora demonstra, na maior parte das vezes, a sequência preexiste formalmente a seu acesso ao nível de fórmula e o analista deve buscar não uma forma nova, mas um uso particular, ou uma série de usos particulares, através dos quais a sequência assume movimentos, torna-se um jogo de posições, é retomada, comentada, etc.

No exemplo abaixo temos um uso interessante da fórmula *vontade política*:

A *vontade política* é a capacidade de satisfazer as necessidades de uma sociedade, de forma reconhecida pela maioria dos seus integrantes. (...) Bem, a *vontade política* se materializa quando a sociedade possui uma necessidade e torna pública essa necessidade de forma racional, sensibilizando os poderes públicos, e muitas vezes até o setor privado. Ou seja, espontaneamente, reúnem-se todas as condições políticas, culturais, econômicas e sociais, tornando viável a realização de práticas legais para o atendimento da satisfação da necessidade. (In\_:<http://portalamazonia.globo.com/pscript/artigos/artigo.php?idArtigo=675> acessado em 19 de fevereiro de 2013)

O excerto foi retirado de um artigo, assinado por Evandro Brandão, do portal Amazônia vinculado ao GLOBO.COM. Este texto, diferentemente de outros, se propõe, não simplesmente a usar o funcionamento aplicado da fórmula, mas também a fazer uma explicação metalinguística acerca da definição de *vontade política*. Isso nos elucidava que a própria consciência do uso da fórmula em questão não passa por despercebida nos meios de comunicação. Outro ponto a se observar é que o uso acima da fórmula evidencia uma concepção de *vontade política* ligada à “capacidade de satisfazer necessidades sociais”, ou seja, a ideia é a de que a mesma “resolve problemas”.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Poderíamos tomar como um outro exemplo desse enfoque discursivo, o exposto em:

O Brasil pode algumas vezes ser considerado detestável. Mas se observarmos o que possuímos de bom, veremos que somos muito mais um maravilhoso país. Verdade que ainda subdesenvolvido, mormente pela *falta de vontade política* e de incentivos internacionais. (Carta de leitor publicada na VEJA, Edição 1913, de 13 de julho de 2005, p.35)

Este excerto tem, como se vê, a mesma tomada discursiva, a ressalva feita neste excerto em relação ao anterior é que *vontade política* aparece agora enquanto um lugar vazio, ou seja, a falta dela faz com que os problemas não sejam resolvidos. Este enfoque da referida fórmula enquanto *algo que falta* para se resolver algum problema foi a mais freqüente, segundo pôde-se observar, nos usos.

No entanto, como mostramos anteriormente, ao discutirmos a cristalização, nem sempre o enfoque discursivo de *vontade política* é retomado como algo que *sana problemas*. Temos casos em que ela, é discursivizada como algo que *apenas por si* não é capaz de agir ou exercer um efeito desejado. É o que se observa em:

Em entrevista concedida a VEJA, a presidente Dilma Rousseff foi peremptória. “Temos que baixar a carga de impostos. E vamos baixá-la.” Era uma resposta às reclamações de empresários com quem ela se reunira. Para eles os impostos inviabilizam as melhores iniciativas e impedem que possam competir em igualdade de condições. Dilma demonstrou *vontade política* para enfrentar o principal entrave a expansão da economia e sensibilidade para entender o correto diagnóstico dos empresários. Sua promessa não tem, infelizmente, como ser cumprida. (Comentário de Maílson da Nóbrega: A promessa impossível de Dilma. IN: \_ Revista Veja, Edição 2265, de 18 de abril de 2012, p. 24.)

Esses discursos diversos e com sentidos diferentes acerca de uma mesma fórmula nos levam a última característica formulaica que se propõe discutir neste



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

trabalho, a saber: o seu **caráter polêmico**. Segundo Krieg-Planque (2010), sobre o caráter polêmico da fórmula entende-se que a mesma mobiliza os indivíduos a se manifestarem a seu respeito. Isso ocorre por motivos diversos<sup>642</sup>, porém, de forma geral temos que:

As fórmulas participam do peso da história, esse peso que lastreia os destinos individuais. É porque constitui um problema, porque põe em jogo a existência das pessoas, porque é portadora de um valor de descrição dos fatos políticos sociais, que a fórmula é objeto de polêmicas. Polemizando em torno dela, os atores-locutores não polemizam “por nada”: eles polemizam por uma descrição do real. (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 100)

Para verificarmos o caráter polêmico aplicado ao caso estudado neste trabalho, tome-se o seguinte exemplo:

Não basta como diria o Lula de outrora, ter **vontade política**, termo que é sempre sacado algibeira quando se quer sepultar um assunto. O caso agora é de ter uma **política de vontades**- *vontade* de deixar um legado duradouro e positivo para os brasileiros, *vontade* de alijar os aliados deletérios, *vontade* de separar o público do privado e o partidário do público. (Reportagem: O assalto ao Estado. In: \_\_ Veja, Edição 1911, de 19 de junho de 2005, p. 67. Grifos nossos)

No exemplo acima, o qual foi retirado de uma reportagem contemporânea ao estouro do conhecido *Escândalo do Mensalão* na imprensa, o interlocutor, autor da reportagem, tenta desautorizar a fórmula *vontade política* afirmando que se tratava, no caso, de um termo usado como o que poderíamos chamar de uma *carta coringa* pelo governo do agora ex-presidente Lula. Verificamos ainda que por meio de tom irônico e muitas paráfrases da fórmula (das quais se destaca a reformulação *política de vontades*) o interlocutor critica o fato de o presidente Lula

---

<sup>642</sup> Segundo SILVA (2011) a polêmica em relação à fórmula pode se dar, na perspectiva de Krieger-Planque, pela inadequação à coisa que ela designa (ao referente); sobre o caráter real ou irreal do referente designado pela fórmula; sobre o reconhecimento social da fórmula, etc.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

'sacar' o termo *vontade política* sempre quando objetiva fugir ou se esconder de um assunto.

O exemplo acima mostra, portanto, que a expressão *vontade política*, longe de se constituir num consenso, concentra uma pluralidade de questões e também maneiras de tomar parte no debate, afinal, "uma fórmula raramente participa de um único processo discursivo e, (...) quase sempre entra em polêmicas variadas." (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 102)

## CONCLUSÕES

Conforme mostraram as breves análises feitas neste trabalho, a unidade lexical complexa *vontade política* constitui-se numa fórmula com todas as suas características intrínsecas. Pode-se dizer ainda que uma abordagem que quisesse dar conta das relações sociais e políticas do Brasil, vistas através de uma perspectiva discursiva, não poderia negligenciar este tema.

Faz-se também necessário, reconhecer e destacar o papel da mídia na construção, ou, melhor, na circulação das fórmulas e enxergar que estas são parte das complexas relações que os discursos organizam. Por fim, frisa-se a importância dos trabalhos sobre fórmulas no sentido de que estes demonstram a importância da língua nas relações político-sociais, afinal, as duas instâncias – língua e política – se constituem enquanto lugares e meios de poder.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## REFERÊNCIA

KRIEG-PLANQUE, Alice. “Fórmulas” e “lugares discursivos”: propostas para a análise do discurso político. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 11-40. Entrevista concedida a Philippe Schepens.

\_\_\_\_\_. *A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. Tradução Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. *Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados*. Revista Linguagem – 16ª Edição. In: ([www.lettras.ufscar.br/linguasagem](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem)), 2010b. POSSENTI, Sírio. Fórmulas Alteradas. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 59-67

SILVA, Edvânia Gomes da. Ethos e Fórmulas no discurso religioso. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 85-97.